

SESSÃO OPINIÃO

A LUTA CONTRA O ESQUECIMENTO NA HISTÓRIA E NA PSICANÁLISE

Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes*
Solange Ramos de Andrade**

A questão da memória desperta grande preocupação atualmente no âmbito dos estudos realizados nos campos da História, Filosofia, Educação e Psicologia; a memória se configura não apenas como um objeto de estudo, mas também como uma “tarefa ética”, sendo que o nosso dever seria supostamente por assim dizer, preservar a memória; resgatando o passado. A preocupação com a memória embora seja antiga, assume atualmente traços específicos, como ressalta Maurice Halbwachs (2006); os quais se dão pelo fato de que não estamos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral e coletiva, logo, temos atualmente, um sentimento de caducidade das existências e obras humanas, o que nos leva a inventar “estratégias” de conservação e mecanismos de lembrança.

Jeanne Marie Gagnebin (2006) cita o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), o qual denuncia em sua obra “Considerações Intempestivas” a acumulação obsessiva, cujo efeito não consistia na conservação do passado, mas antes em uma paralisia do presente, na mesma linha Tzvetan Todorov em sua obra “Os Abusos da Memória” fala da complacência em demorar-se nas comemorações do passado em detrimento do presente; o autor faz

* Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Discente do curso de História da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: viniciusromagnolli3@hotmail.com

** Docente do curso de História da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: sramosdeandrade@gmail.com

uma crítica à “sacralização” da memória, fato que a tornaria estéril e que seria uma forma de esquecimento ao se configurar como uma “não-permanência” no ressentimento.

Ao pensarmos em eventos históricos e em memória, faz-se necessária a discussão sobre Auschwitz, que representa nas palavras de Gagnebin “aquilo que não pode ser esquecido” e que nos impõe “um dever de memória”. Porém tal trabalho de memória se deu de uma forma diferente no pós 2ª Guerra se comparado aos dias de hoje; sendo que se por um lado os sobreviventes do Holocausto não esqueciam sua experiência traumática, por outro vemos que meio século depois nós conseguimos perfeitamente esquecer Auschwitz.

Theodor W. Adorno (1903-1969) escreveu vários ensaios sobre a necessidade de não nos esquecermos desse episódio a fim de não repeti-lo. Adorno não defende, no entanto, as comemorações incessantes; falando de uma “luta contra o esquecimento” que se faz necessária diante da forte tendência e desejo de esquecer, sendo que no caso dos nazistas, podemos pensar na relação entre culpabilidade e vontade de esquecer.

Ainda em “Considerações Intempestivas” Nietzsche contrapõe duas formas de esquecimento, um primeiro dito “natural” e necessário a vida (correspondente ao esquecimento ativo de Ricoeur) e um segundo que seria um esquecimento “duvidoso”; uma espécie de “fazer de conta que não sabe” (o qual Ricoeur denomina esquecimento de fuga, a serviço da resistência), equivalente aos mecanismos de denegação e recalçamento dos quais nos fala Sigmund Freud (1856-1939). Contra tal denegação e repressão, Adorno propõe um “esclarecimento racional”.

Para Adorno o que importa é a maneira pela qual o passado é tornado presente, sendo que não se trata de fazê-lo para manter a queixa, a acusação ou recriminação dos “culpados”, pois isso seria poupar-se do esforço doloroso que o esclarecimento a respeito do

passado implica. Para Nietzsche o enclausuramento nesse ciclo vicioso de busca pelos culpados a propósito do passado faz com que não seja possível abertura alguma em direção ao presente. Assim sendo, vemos que um bom uso da memória seria no sentido de “elaborar” o passado, lembrá-lo não de forma estéril como no “culto ao passado”, mas como uma análise esclarecedora do presente. Mas como toda essa discussão se articula com a Psicologia e mais especificamente com a Psicanálise?

Vemos tal articulação na obra do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), que se utiliza dos conceitos freudianos de “trabalho”, “elaboração” e “retorno do passado” para pensar por analogia os processos coletivos de memória, esquecimento e repetição. Ricoeur (2005) busca compreender a partir de Freud processos coletivos e políticos de elaboração do passado, tais como políticas de anistia, perdão, investigações, bem como processos de recalque coletivo e retorno violento do recalado. Elaborar o passado consistiria para Freud na saída da compulsão à repetição (a qual considera o maior obstáculo para o progresso rumo à cura psicanalítica), ou seja, da queixa incessante que se baseia na lembrança traumática. O trabalho de lembrança que Freud postula é considerado por Ricoeur um “uso crítico da memória”.

Freud sugere em “Recordar, repetir e elaborar” que a doença seja encarada como um “adversário digno” e não como algo vergonhoso, logo, a partir da doença pode-se extrair elementos importantes para a vida posterior. Vemos aqui o apelo tipicamente iluminista de Freud para se criar coragem e enfrentar o passado a fim de esclarecê-lo e compreendê-lo. Ricoeur (2005) enaltece os conceitos freudianos de “trabalho de elaboração” e de “trabalho de luto”, sendo que enquanto aquele permitiria sair da repetição, este possibilitaria uma nova ancoragem na vida ao possibilitar o desligamento do objeto de amor original para que se possa internalizar algo novo.

Pode-se ainda estabelecer uma relação entre a compleição melancólica e a obsessão comemorativa denunciada por Todorov e citada no início do texto, na medida em que tal obsessão pode reinstalar os sujeitos num círculo de culpabilidade e auto-acusação; tal complacência narcísica (típica da melancolia) forneceria ao sujeito a “vantagem” em desistir do trabalho de luto, ou seja, de fazer novos investimentos libidinais, para se instalar na queixa e tristeza infinitas, o que leva em última instância, a permanência no passado em vez da ousadia de se enfrentar o presente.

Por fim, em oposição a essas figuras melancólicas e narcísicas da memória, vemos em Nietzsche, Freud, Adorno e Ricoeur uma defesa da “lembrança ativa”, a qual se baseia em um trabalho de elaboração e de luto com relação ao passado, o que nos leva como bem destacou Gagnebin a lembrar dos mortos por piedade e fidelidade, mas sem deixar de atentar aos vivos.

Assim sendo, tanto o historiador quanto o psicanalista devem lutar contra um esquecimento, porém sem perder de vista o “uso efetivo” da memória em detrimento do “uso estéril” que ao sacralizar e cultuar o passado nos mantém na repetição do mesmo e nos afasta da elaboração de traumas que possibilitariam um melhor presente e futuro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1985.

FREUD, Sigmund. **Recordar, Repetir e Elaborar**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São

Paulo, SP: Ed. 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, SP: Ed. Centauro, 2006.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2005.

Recebido em: 28 Abril 2010

Aceito em: 04 Junho 2010